

# Problemas estruturais atingem quase todas as escolas públicas da rede estadual

Seja na capital ou nas cidades do interior sergipano, são unidades de ensino com muros prestes a desabar, telhados comprometidos, desabando, fiação elétrica exposta e prédios velhos, sendo que alguns locais estão desde a sua construção sem sequer terem passado por uma pintura

A educação pública do país enfrenta sérios problemas e infelizmente não é uma das melhores. Em Sergipe a situação não é diferente. Ultimamente a imprensa local vem noticiando várias manifestações de pais, alunos e professores em busca de segurança e melhores condições nas escolas. As condições de trabalho, violência, falta de gestão e de valorização profissional são alguns dos motivos mais apontados pelos sindicatos de classe e pela comunidade, mas a melhoria na estrutura física das unidades escolares tem sido o foco de muitos atos. São escolas com muros prestes a desabar, telhados comprometidos, forros desabando, fiação elétrica exposta, prédios velhos, alguns locais estão desde a sua construção sem sequer terem passado por uma pintura. Segundo dados da Secretaria de Estado da Educação (SEED), nos últimos sete anos, 85 escolas foram reformadas e entre elas, 80 passaram por manutenção, destas 40 por manutenção de grande porte que estão em execução. Existem duas lis-

tas de escolas que aguardam para serem contempladas, dentre elas 50 que precisam apenas de pequenos reparos, 35 que necessitam de uma reforma geral e 20 que ainda serão incluídas nestas duas listas. O investimento até o momento foi de cerca de R\$ 90 milhões, apenas com a parte estrutural, mas ao final das obras, o montante será algo em torno de R\$ 190 milhões.

Existem duas situações comuns nas escolas estaduais: as que aguardam há anos por uma reforma e as que estão há anos em reforma. No Bairro Ponto Novo, no Conjunto Castelo Branco é possível constatar essas duas situações em duas escolas separadas apenas por uma rua. A Escola Estadual 8 de Julho está há mais de um ano em reforma, uma obra orçada em mais R\$ 822 mil com prazo de conclusão de seis meses. Enquanto isso, os alunos estão alocados em um prédio próximo à unidade de ensino. Já na Escola Estadual Leandro Maciel desde 2010 os alunos lutam por uma reforma na escola e na quadra.

Muro prestes a cair, mato encobrindo a escola, forros desabando e portão da entrada quebrado são alguns dos problemas estruturais do Leandro Maciel, sem contar com falta de segurança e de profissionais. Recentemente alunos fizeram uma manifestação em frente à escola cobrando providências da SEED. “Desde 2010 que nós estamos cobrando uma reforma, tenho todas as matérias que saíram na mídia guardada, mas nunca fomos ouvidos”, afirma um dos alunos.



■ Situação física de muitas escolas está comprometida e os alunos se sentem prejudicados

nunca inicia. Em 2012 uma comissão de professores foi ao Ministério Público cobrar uma solução. O Secretário disse que liberaria uma obra pequena só de reparos e que ia liberar R\$ 300 mil, mas até hoje nada. É sempre a mesma história e nós alunos que somos prejudicados”, conta o presidente do Grêmio Estudantil, Lucas Rafael Silva.

O estudante diz que a situação atrapalha no aprendizado e provoca a evasão escolar. Segundo o presidente do Grêmio Estudantil, a escola antes tinha mais de mil alunos matriculados e hoje tem apenas cerca de 400 e não funciona mais em todos os turnos. “Os alunos e os pais observam as condições da escola e acabam saindo daqui e indo para outras escolas mais distantes de sua casa, porque a da comunidade não oferece estrutura. No início do ano tinham 550 alunos matriculados, hoje são apenas 400. A quadra e o muro podem desabar a qualquer momento. Os alunos vivem sendo liberados mais cedo porque faltam professores e porque falta água constantemente. Só ano

não tem vigilante à noite e nem aos finais de semana e o forro da cozinha está desabando e os assaltantes entram por lá e roubam a escola. A escola vive suja, porque só tem uma pessoa para limpeza que só vem à tarde, horário que não tem aula, para fazer a limpeza. As salas são quentes, acabaram de instalar os ventiladores semana passada, mas essa semana já tem alguns queimados. São essas as condições da escola e cada dia mais é notável o desinteresse e desestímulo dos alunos”, comenta Lucas.

O presidente do Grêmio revelou que no segundo semestre os alunos do Leandro Maciel e do 8 de Julho irão se unir para lutar por medidas efetivas do secretário de educação. “Nós vamos para a SEED e só vamos sair de lá quando Belivaldo de fato apresentar solução para o problema daqui e do 8 de Julho. Não queremos promessas, queremos ações. Já estamos fartos disso, nós estamos lutando por um direito nosso: uma educação de qualidade”, reforça.

Outra escola que há cerca de três anos está sem aulas e se dete-

de Agosto no Bairro Getúlio Vargas. Os alunos estão em um prédio alugado na Rua Laranjeiras, no Centro da capital, esperando a reforma finalmente começar. No Conjunto Bugio na Escola José Alencar Cardoso a situação é mais complicada. Desde janeiro que começaram as obras, a princípio era apenas a reconstrução do muro, depois outros problemas foram aparecendo. A reforma ainda não acabou e até agora os alunos estão sem aula.

“Na audiência no Ministério Público no dia 26 de julho, a proposta da SEED é suspender o ano letivo para terminar a reforma. É relocar esses meninos em outras escolas do Bugio, mas nas outras escolas os alunos tiveram seis meses de aula e os meninos do Alencar sequer começaram o ano letivo. Quando o professor faz greve ou paralisação o estado diz que estamos prejudicando os alunos, mas a gente repõe as aulas. Agora como fica esses seis meses de aulas parados? Vão alocar esses meninos em escolas que estão seis meses à frente no ensino? A obra era pequena, para durar um mês, depois de um mês, pediu-se mais três meses, depois a SEED pediu até 15 de junho para terminar e até agora nada”, critica Roberto Silva, diretor de Base do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Sergipe (Sintese).

De acordo com o diretor pedagógico da Escola José Alencar Cardoso, Roque Hudson, o ano letivo começa neste 05 de agosto. Os 396 alunos da escola serão

transportados por um ônibus diário para a unidade de ensino onde serão ministradas as aulas até que a reforma seja concluída. “O ano letivo começa agora e encerra em maio de 2014. Os alunos não serão prejudicados, terão a carga horária completa de 200 horas e terão aula na Escola Acrísio Cruz até que as obras cheguem ao fim. A previsão da SEED para conclusão é até o final deste mês”, informa o diretor. Dados da SEED demonstram que atualmente existem 21 prédios alugados para acomodar os alunos das escolas que estão passando por reforma. O investimento mensal com os aluguéis é de R\$ 103 mil. Segundo a assessora de comunicação da secretaria, três prédios estão em processo de tramitação para serem alugados. “Os prédios alugados que ficaram distantes da escola são disponibilizado ônibus para fazer o transporte. No momento temos 10 ônibus transportando os alunos. A partir de segunda, 05 de agosto, mais quatro ônibus serão inseridos na frota para transportar os alunos do José Alencar Cardoso”, garante Ofélia Onias.

## • Manutenção

Para o Sintese o problema das escolas públicas de Sergipe é a falta de uma política de manutenção. Segundo Roberto, se houvesse reparos permanentes nas unidades de ensino, as escolas não chegariam a esse ponto de caos, causando tantos transtornos para alunos e professores, e ônus para os cofres públicos.

“O estado tem anunciado a reforma de 80 escolas, mas não há uma política de manutenção

ESTADO DE SERGIPE  
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA  
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE IMPRIMAS



SEGUNDO A SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, NOS ÚLTIMOS SETE ANOS, 85 ESCOLAS FORAM REFORMADAS E

vão precisar ser reformadas de novo, porque se fala muito que há depredação, mas depredação tem até em nossa casa. É difícil vê uma escola privada sendo reformada, porque no período de férias é feita a manutenção do que foi danificado, porque isso é normal, um local onde centenas de pessoas usam todos os dias acaba sendo desgastado. O que precisa nas escolas do Estado é uma política de manutenção, porque a política de reforma é muito nociva para professores e alunos que precisam sair da escola ou atrasar o ano letivo para que isso seja feito”, explica o sindicalista que acrescenta que existe de fato a reforma anunciada de muitas escolas, mas que há uma demanda muito grande reprimida de escolas que precisam de obras. “O Estado reformou 80 escolas, mais ao todo são quase 380 na rede, então ainda há muita necessidade”, ressalta.

Outro ponto levantado pelo sindicato é em relação aos contratos com as construtoras. Ele acredita que o estado deveria fiscalizar melhor essas empresas e estabelecer contratos mais enérgicos. “O estado precisa nos contratos com as construtoras definir prazos de execução intermediários e o repasse do recurso está vinculado ao cumprimento dos prazos, porque senão ocorre isso, a construtora diz que faz em 90 dias, nesse tempo faz 1/5 da obra, depois vai querer revisão de contrato para aumentar o valor para poder terminar e com isso o estado paga mais por uma obra que deveria ser concluída em um espaço de tempo menor. Essas questões

precisam está claras, mas o Estado deixa tudo muito solto com as construtoras que coloca poucos funcionários e a obra demora muito mais tempo que o que diz o contrato e efetivamente não há nenhum tipo de punição”, enfatiza Roberto.

Um exemplo dado pelo sindicalista é a Escola Estadual Alceu Amoroso no Bairro Santa Tereza. Há cerca de um mês começaram as obras de construção de um muro novo, reparos nos banheiros e nas salas de aulas com problemas. O prazo para conclusão da obra é 90 dias, mas até o momento só uma pequena parte do muro foi feita pela empresa responsável. “De tudo que tem que ser feito dentro de três meses, em um mês só foi feito um pedaço do muro, será que em dois meses tudo vai ficar pronto? Claro que não! Por isso que os professores decidiram continuar na escola e não interromper o ano letivo e nem ir para outro prédio porque já sabemos como funciona. Prédio é outro problema, como quase todas as escolas precisam de reforma não tem prédios para acomodar os alunos e professores, por isso, é melhor ficar no meio de uma obra, do que ser colocado em espaços piores”, expõe o diretor do Sintese.

#### • SEED

O diretor de engenharia da SEED, Mauricio Arce, informou que em relação à manutenção das escolas, existe uma empresa terceirizada que faz o serviço e no momento existem 24 escolas no estado passando por esse processo simultaneamente. “Nós temos mais de 80 escolas que



FOTOS: LINDIVALDO RIBEIRO/CS

■ **Maurício Arce:** “nós temos mais de 80 escolas que passaram por manutenção”

passaram por manutenção, destas 40 são de manutenção de grande porte que é realizada por uma empresa chamada Pequena Montagem. Uma empresa terceirizada com contrato de R\$ 8 milhões para fazer esse serviço e nós já gastamos desse montante mais de R\$ 4,5 milhões. Essa já é a segunda empresa de Pequena Montagem nessa gestão, então há manutenção das escolas sim”, afirma. Sobre a demora na conclusão das obras, o diretor de engenharia admitiu que existe atrasos, alguns causados pelas construtoras e outros por demandas que surgem nas obras e os prazos precisam ser estendidos. Ele cita a Escola José de Alencar no Bugio como um exemplo de problemas que aparecerem no decorrer da reforma e tiveram que ser sanados.

“Essa escola era obra da Pequena Montagem. A princípio era só refazer um muro, o diretor pediu que observasse o forro, quando foi tirado de uma sala verificou que a madeira que sustenta a telha, a tesoura, estava totalmente podre, o telhado foi todo trocado. Ainda para piorar a questão do prazo, quando fomos fazer a revisão dos banheiros,

notamos que a rede de esgoto era antiga e estava muito comprometida, então fizemos um sistema de esgoto todo novo. Até final de agosto estamos entregando a obra, mas agora surgiu outro fato novo que os professores não querem entrar sem pintura, então precisamos de mais tempo. E aliado às demandas que surgiram, a empresa Pequena Montagem ainda teve problemas com falta de profissionais no mercado, e alegaram que não tinham condições de tocar tantas obras, tivemos que reduzir”, justifica Maurício.

Em relação à Escola de 8 Julho, Arce contou que a empresa que ganhou a licitação da obra desta unidade de ensino ganhou mais outras três obras de escolas. Apesar de ser uma empresa boa, a construtora não teve condições de tocar quatro obras. Houve a notificação, mas o empresário garantiu concluir a obra o mais breve possível. “A empreiteira entregou uma escola, fez parte de outra, mas a 8 de Julho ela não conseguiu concluir. A empresa pegou mais do que podia suportar e não concluiu as obras. Notificamos e estamos caminhando para rescisão,

mas o empreiteiro viu as penalidades e nos garantiu que vai concluir a obra e já ele colocou todo o efetivo na escola. A vantagem dessa empresa é que trabalha bem e com bons materiais”, explica.

Sobre a Escola 11 de Agosto, o problema inicial foi o projeto que apresentava muitos erros e teve que ser refeito e depois a empresa que ganhou a licitação era muito problemática. Mas o diretor garantiu que a segunda colocada na licitação irá assumir a reforma e que no mais tardar dentro de um mês as obras sejam iniciadas. “A Lei 8666 me diz que a melhor empresa é a que tiver o menor preço. É muito complicado tirar as empresas que não prestam da concorrência e deixar só as empresas boas, porque são essas ruins que colocam os menores preços e tiram as boas da concorrência, apesar de ter dinheiro e projeto, entra uma empresa ruim e atrapalha. Foi o caso da 11 de Agosto, nós notificamos a empresa duas ou três vezes, rescindimos o contrato e aplicamos as penalidades conforme a lei e essa empresa está impossibilitada de licitar com o Estado. Já conversamos com o segundo colocado que vai assumir a obra, é uma empresa boa e acredito que no máximo em 30 dias a obra recomeça”, assegura Maurício.

De acordo com o diretor de engenharia, as obras da escola e da quadra da unidade de ensino Leandro Maciel já foram autorizadas e que agora os alunos e professores precisam aguardar o processo de licitação, projeto e outras providências que duram em média uns 40 dias.



É sempre a mesma história e alunos são prejudicados”

Lucas Rafael |

Estudante

#### • Contratos

Quando o atraso nas obras é causado exclusivamente pela empreiteira, Maurício explica que são aplicadas todas as penalidades permitidas por lei. “Nós notificamos e quando vemos que não tem jeito, a gente parte para rescisão. Esse é o último recurso porque é um processo complicado e demorado, até que a outra empresa assuma vai quase um ano e não temos garantia nenhuma que essa empresa é boa e que vai entregar. Sem contar que os empreiteiros têm várias empresas em outros nomes, então tiramos a empresa A por dois anos do mercado, mas ele volta com outra empresa. A empresa que teve contrato rescindido passa um tempo sem poder licitar, mas depois de um certo prazo, um ano ou dois, ela volta a concorrer. A lei dá uma punição apenas, mas permite que ela volte ao mercado”, esclarece Arce que informou ainda que atualmente uma equipe de 42 pessoas faz a fiscalização das obras nas escolas públicas na capital e no interior.